

SÉTIMA CONFERÊNCIA DA OMC... QUE LEGITIMIDADE TEM QUEM ESTÁ NA ORIGEM DA CRISE

Será já em Novembro, mais precisamente de 30 de Novembro a 2 de Dezembro deste ano, que irá decorrer em Genebra a sétima conferência ministerial da OMC – Organização Mundial do Comércio, depois da de Singapura (1996), Genebra (1998), Seattle (1999), Doha (2001), Cancún (2003) e Hong Kong (2005).

Esta conferência ministerial, órgão supremo na tomada de decisões ao nível da OMC, acontece depois de um interregno de quase 4 anos e, por incrível que pareça, regressa mantendo inalteradas as suas linhas de orientação para o comércio mundial, apesar da crise energética, alimentar, climática e financeira, em relação às quais, hoje, se tenta esgueirar das suas próprias responsabilidades enquanto órgão regulador do comércio internacional.

Assim, igual a Hong Kong, o objectivo principal desta próxima conferência será concluir a Ronda de Doha, a “grande negociação” que se iniciou há 8 anos com vista à liberalização total do comércio mundial e que sucedeu ao outro grande ciclo de negociações a que se chamava “Ronda de Uruguay” (ainda do tempo do GATT - Acordo Geral de Tarifas e Comércio - que deu origem à criação mais tarde da OMC).

Apesar dos responsáveis da OMC tentarem desviar a atenção da Ronda de Doha, este será o objectivo essencial.

As movimentações e declarações que se têm vindo a acelerar nos últimos meses assim o indicam, veja-se a reunião do G8 em meados de Julho passado em Itália, onde se declarou o compromisso de concluir a Ronda de Doha em 2010, veja-se a realização de uma mini reunião ministerial informal em Nova Deli, no início do presente mês, que levou o Governo Indiano a alterar a sua posição de Julho de 2008, quando fez cair as negociações juntamente com a China ao recusar-se a expôr os seus pequenos agricultores ao comércio mundial.

Apesar das crises actuais significarem também a razão de quem sempre tem contestado o caminho escolhido pela OMC, não deixam de ser irónicas as declarações de Pascal Lamy, Director Geral da OMC, em Maio passado, quando afirmou de que era sua impressão “que enquanto a crise económica piora, a atmosfera política melhora para as negociações”.

Tal como em Hong Kong e em outras conferências, a Via Campesina Internacional estará em Genebra organizando eventos paralelos juntamente com outras milhares de organizações sociais, para exigir um outro caminho, para exigir que a agricultura fique fora das negociações da OMC. Do lado da Via Campesina estará a convicção que o mercado não é capaz de responder às necessidades de cada um, que o mercado não se auto regula

e que as entidades reguladoras internacionais são incapazes de regular o que quer que seja.

Do lado da Via Campesina estará a clarividência, de que os tratados bilaterais e multilaterais de livre comércio apenas têm agravado a crise social em todo o mundo, com mais fome, com mais disparidade entre ricos e pobres, com mais esgotamento dos recursos, com mais desemprego, com mais perda de direitos sociais, ou seja, com mais miséria humana, em benefício de uns tantos especuladores de mercadorias baratas geradas pela concorrência selvagem.

Por último, dizer que não há legitimidade de decisão a este nível para a OMC, não só pelas crises que vivemos, mas também porque se trata de uma organização não democrática, distante da sociedade mundial e ao mesmo tempo próxima dos poderosos lobbys das companhias transnacionais especializadas na transformação, distribuição e comercialização, onde a representação e o poder de decisão é indexado ao poder económico de cada país e onde a visão económica do mundo impera sobre a visão social.

José Miguel Pacheco
29 de Setembro de 2009